



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO

MEDITAÇÕES MATUTINAS NA SANTA MISSA CELEBRADA
NA CAPELA DA DOMUS SANCTAE MARTHAE

Três mulheres

Segunda-feira, 15 de Setembro de 2014

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 38 de 18 de Setembro de 2014

Duas mulheres e mães — Maria e a Igreja — levam Cristo para uma terceira mulher, que se assemelha com as duas primeiras mas é mais «pequena»: a nossa alma. Com esta imagem totalmente feminina o Papa quis reafirmar que sem a maternidade de Maria e da Igreja não temos Cristo, recordando que «Nós não somos órfãos».

Francisco evidenciou imediatamente que «a Igreja, na sua liturgia, nos leva duas vezes, por dois dias, um após outro, ao Calvário»: com efeito, «ontem fazia-nos contemplar a cruz de Jesus, hoje a sua mãe junto da cruz» (Jo19, 25-27). Em particular, «ontem fazia-nos pronunciar uma palavra: gloriosa». Uma palavra que se refere à «cruz do Senhor, porque trazia a vida, trazia a glória». Mas «hoje a palavra mais forte da liturgia é: mãe. Gloriosa é a cruz; humilde e mansa é a mãe», que a liturgia celebra hoje como Virgem das dores.

A meditação sobre a mãe leva-nos directamente a Jesus como filho. «No trecho da Carta aos Hebreus que ouvimos — realçou o Pontífice referindo-se ao capítulo 5 (7-9) — Paulo frisa três palavras fortes falando de Jesus filho: aprendeu, obedeceu e padeceu». Jesus, em síntese, «aprendeu a obediência e padeceu». Portanto «é o contrário daquilo que aconteceu com o nosso pai Adão, que não quisera aprender o que o Senhor comandava, que não quisera padecer nem obedecer». Além disso, prosseguiu, «este trecho da Carta aos Hebreus recorda-nos outro trecho da Carta aos Filipenses: mesmo sendo Deus, não considerou um bem irrenunciável; anulou-se,

humilhou-se a si mesmo tornando-se servo. Esta é a glória da cruz de Jesus». O qual, afirmou Francisco, «veio ao mundo para aprender a ser homem, e sendo homem, caminhar com outros homens. Veio ao mundo para obedecer e obedeceu. Mas «esta obediência aprendeu-a do sofrimento».

«Adão saiu do paraíso com uma promessa — prosseguiu — que durou vários séculos. Hoje, com esta obediência, com este anular-se a si mesmo, humilhar-se de Jesus, aquela promessa torna-se esperança». E «o povo de Deus caminha com esperança certa».

Também Maria, «a mãe, a nova Eva, como o próprio Paulo a chama, participa deste caminho do filho: aprendeu, sofreu e obedeceu». Ela «torna-se mãe». Poderíamos dizer que é «uma mãe ungida» — afirmou o Pontífice — e o mesmo é válido para a Igreja.

Por conseguinte, esta é «a nossa esperança: nós não somos órfãos, temos mães»: em primeiro lugar Maria. E depois a Igreja, que é mãe «quando percorre o mesmo caminho de Jesus e Maria: o caminho da obediência, do sofrimento, e quando assume a atitude de aprender constantemente o caminho do Senhor».

«Estas duas mulheres — Maria e a Igreja — levam em frente a esperança que é Cristo, doam-nos Cristo, geram Cristo em nós», reafirmou o bispo de Roma. Assim «sem Maria, não teria existido Jesus Cristo; sem a Igreja, não podemos ir em frente». São «duas mulheres e duas mães».

«Maria — explicou Francisco — estava com firmeza ao lado da cruz, estava ligada ao filho porque o tinha aceite e sabia, mais ou menos, que uma espada esperava por ela: Simeão tinha-lhe dito». Maria é «a mãe firme», prossegui, «que nos dá a segurança neste caminho de aprendizagem, sofrimento e obediência». E também a Igreja mãe «está firme quando adora Jesus Cristo e nos guia, ensina, protege e ajuda neste caminho da obediência, do sofrimento, da aprendizagem desta sabedoria de Deus».

Mais ainda, afirmou o Pontífice, «também a nossa alma participa disto, quando se abre a Maria e à Igreja: segundo o monge Isaac, o abade de Stella, também a nossa alma é feminina e assemelha-se analogamente a Maria e à Igreja». Assim «hoje, olhando, junto da cruz, para esta mulher — firme em seguir o seu filho no sofrimento para aprender a obediência — olhamos para a Igreja e para a nossa mãe». Mas «também olhamos para a nossa pequena alma, que nunca se perderá se continuar a ser também uma mulher próxima destas duas grandes mulheres que nos acompanham na vida: Maria e a Igreja».

Francisco concluiu recordando que, «assim como do paraíso saíram os nossos pais com uma promessa, hoje nós podemos ir em frente com uma esperança: a esperança que nos dá a nossa mãe Maria, firme junto da cruz, e a nossa santa mãe Igreja hierárquica».

©Copyright - Libreria Editrice Vaticana